

# Segurança do paciente - o papel do enfermeiro no gerenciamento de risco focado na UTI

Patient safety - the role of the nurse in risk management focused in the ICU

Seguridad del paciente - el papel del enfermero en la gestión de riesgos enfocada en la UTI

Micheli de Ávila Bizarra<sup>1</sup>, Carlos Marcelo Balbino<sup>2</sup>, Zenith Rosa Silvino<sup>3</sup>

**Como citar esse artigo.** Bizarra MA, Balbino CM & Silvino ZR. Segurança do paciente - o papel do enfermeiro no gerenciamento de risco focado na UTI. Revista Pró-UniverSUS. 2018 Jan./Jun.; 09 (1): 101-104.

## Resumo

Objetivamos identificar o perfil e o papel do enfermeiro que atua em UTI no que se refere ao gerenciamento de risco. Trata-se de uma revisão de literatura, a captura das publicações ocorreu no período de Julho de 2017. A busca virtual foi realizada por meio do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde, utilizamos os seguintes descritores Enfermagem; Gerenciamento de Risco; Paciente; UTI com operador booleano AND, publicados em português, do tipo artigo, no período compreendido entre 2014 a 2017. Foram encontrados 76 artigos. Desta análise textual surgiram duas categorias: segurança do paciente, análise da gestão de risco, cultura de segurança ao paciente. Para que a segurança do paciente se torne uma realidade, são necessárias ações de diferentes naturezas, que passam por inserção deste tema na formação profissional e mudanças na estrutura das organizações e na prática de saúde, incluindo a de enfermagem. Trata-se de um desafio a ser superado pelos gestores e enfermeiros, mas que pode trazer muitos benefícios a todos os envolvidos neste processo.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Gerenciamento de Risco; Paciente; UTI.

## Abstract

This study aims at identifying the profile and the role of the nurse who works in the ICU with regard to risk management. It is a literature review, the capture of the publications occurred in July 2017. The virtual search was performed through the Regional Portal of the Virtual Health Library; we use the following descriptors nursing; risk management; patient; UTI with Boolean operator AND, published in Portuguese, of the type article, in the period between 2014 to 2017. There were 76 articles. This textual analysis appeared two categories: patient safety, risk management analysis, patient safety culture. In order for patient safety to become a reality, actions of different natures are required, which include insertion of this theme in professional training and changes in the structure of organizations and in health practice, including nursing practice. It is a challenge to be overcome by managers and nurses, but it can bring many benefits to all involved in this process.

**Keywords:** Nursing; Risk management; Patient; ICU.

## Introdução

A segurança do Paciente envolve ações promovidas pelas instituições de saúde para reduzir a um mínimo aceitável, o risco de dano desnecessário associado ao cuidado de saúde, questão da segurança da assistência aos pacientes nas instituições parece um assunto tão óbvio e incorporado ao cotidiano que, quando noticiada pela mídia à ocorrência de erros na assistência à saúde, a reação é de perplexidade. Entretanto, apesar do cuidado em saúde trazer enormes benefícios a todos os envolvidos, a ocorrência de erros é possível,

e os pacientes podem sofrer graves consequências, até mesmo o óbito<sup>1</sup>.

Gerenciamento de Riscos em Saúde é a aplicação sistêmica e contínua de políticas, procedimentos, condutas e recursos na avaliação de riscos e eventos adversos que afetam a segurança, a saúde humana, a integridade profissional, o meio ambiente e a imagem institucional. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), risco é a combinação da probabilidade de ocorrência de um dano e a gravidade de tal dano. E o Gerenciamento de Riscos, por sua vez, é a tomada de decisões relativas aos riscos ou a ação

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Enfermeira. Pós-Graduada do Curso de Especialização em Enfermagem em UTI - Universidade Severino Sombra/USS. E-mail: michelibizarra@gmail.com

<sup>2</sup>Enfermeiro. Doutorando do Programa do Programa em Ciências do Cuidado em Saúde pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal Fluminense/UFF. Professor do Curso de Especialização em Enfermagem em UTI/USS. Professor do Centro de Ensino Superior de Valença CESVA/FAA. E-mail: carlosm-balbino@hotmail.com

<sup>3</sup>Enfermeira, Pós Doutora e Doutora em Enfermagem, Professora da Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói (RJ).

\* Email de correspondência: michelibizarra@gmail.com

Recebido em: 05/03/18. Aceito em: 25/05/18.

para a redução das consequências ou probabilidade de ocorrência<sup>2</sup>.

É no sentido de minimizar os riscos potenciais de eventos adversos que se faz necessário conhecer e controlar esses riscos, que são fontes de danos no ambiente hospitalar. Quando um evento adverso ocorre neste ambiente, a organização sofre consideravelmente todas as consequências a ele relacionadas. Consequências estas que podem ser sociais, econômicas ou materiais. A mais grave delas é a perda da vida humana.

A Portaria Interministerial do Ministério da Saúde e Ministério da Educação nº 2.400, de 2 de outubro de 2007, impõe como pré-requisito para certificação de hospitais de ensino, o desenvolvimento de atividades de farmacovigilância, hemovigilância, tecnovigilância em saúde<sup>3</sup>. Mais recentemente, por meio da Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 2/2010 da ANVISA<sup>4</sup>, o Gerenciamento de Riscos passou a ser uma exigência desta Agência aos estabelecimentos de saúde, pois requer que o mesmo possua uma sistemática de monitorização e gerenciamento de risco das tecnologias em saúde, visando à redução e minimização da ocorrência dos eventos adversos, além disso, deve notificar ao Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS) os eventos adversos e queixas técnicas envolvendo as tecnologias em saúde.

Pretende-se com o presente estudo responder à seguinte indagação: qual o papel do enfermeiro no gerenciamento de risco focado na UTI?

O objeto que norteia este estudo é o papel do enfermeiro no gerenciamento de risco, focado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Com isso, objetivamos identificar o perfil e o papel do enfermeiro que atua em UTI no que se refere ao gerenciamento de risco, com gestão focada na qualidade, para melhor atender os pacientes, a partir da análise da produção de artigos existentes.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer subsídios e acrescentar evidências que contribuam para as reformulações que se fizerem necessárias no processo de trabalho dos enfermeiros, rompendo as dicotomias que, porventura, ainda perpassem pelo seu objeto de trabalho, refletindo na excelência do cuidado.

## Materiais e Métodos

Trata-se de uma revisão de literatura, método de pesquisa que tem por finalidade reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre tema ou questão delimitada, de maneira sistemática e ordenada, e que pode contribuir para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado.

A captura das publicações ocorreu no período de Julho de 2017. A busca virtual foi realizada por meio

do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde. Esse portal tem por objetivo contribuir para produção, organização e disseminação da informação científica e técnica em saúde produzida pelas instituições brasileiras representativas no tema.

Para a busca inicial utilizamos os seguintes descritores Enfermagem; Gerenciamento de Risco; Paciente; UTI com operador booleano AND, publicados em português, do tipo artigo, no período compreendido entre 2014 a 2017

Foram encontrados 76 artigos. A seguir foram usados como critério de inclusão os trabalhos que apresentavam textos completos disponíveis online gratuitamente, selecionadas apenas as publicações que respondessem a questão de pesquisa.

## Resultados e Discussão

Foi realizada nova leitura exaustiva do material que continha os principais achados. Desta análise textual surgiram duas categorias: segurança do paciente, análise da gestão de risco, cultura de segurança ao paciente.

### Segurança do Paciente

A assistência à saúde está sempre envolvida de riscos, mas esses riscos podem ser reduzidos quando os mesmos são analisados e combatidos, evitando que sejam possíveis causas de eventos adversos. Para tanto, é necessário conhecer esses riscos, então nós, profissionais de saúde, devemos informar quando há um problema nos processos assistenciais do Hospital, ou seja, devemos observar melhor as situações do dia-a-dia e notificar falhas nestes processos. Essas atitudes fazem parte da cultura de segurança do paciente.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), segurança do paciente pode ser definida de diferentes maneiras<sup>5</sup>, com um único objetivo, considerando: a) prevenção e melhoria de eventos adversos ou lesões resultantes dos processos de cuidados de saúde. Estes eventos incluem “erros”, “desvios” e “acidentes”.

A segurança do paciente, pela magnitude do problema e diante de tantos resultados negativos da assistência em saúde, representa um dos maiores desafios para os serviços de saúde, e todo este contexto tem mobilizado o mundo na busca por estratégias que assegurem uma assistência em saúde de qualidade e segura.

A preocupação com a segurança do paciente é algo que perpassa séculos, Hipócrates considerado o pai da medicina, há mais de 2 mil anos atrás, afirma: “Nunca causarei dano a ninguém”, e após um tempo, foi traduzido como “primeiro não causar dano”. Assim a partir de sua fala, é possível observar, mesmo num contexto assistencial elementar é possível considerar

atos assistenciais passíveis de equívoco e a segurança do paciente como algo importante. Florence Nightingale, ao longo dos anos, em 1863 afirmou: “Pode parecer estranho enunciar que a principal exigência em um hospital seja não causar dano aos doentes”<sup>6</sup>.

A Aliança Mundial para Segurança do Paciente visa socializar os conhecimentos e as soluções encontradas, conscientizar e conquistar o compromisso político, lançando programas, gerando alertas sobre aspectos sistêmicos e técnicos e realizando campanhas internacionais que reúnam recomendações destinadas a garantir a segurança dos pacientes ao redor do mundo<sup>7</sup>.

### **Análise da Gestão de Riscos**

A gestão de riscos é o processo de identificação, avaliação, análise e gestão de todos os riscos e incidentes, em todos os níveis da organização, e a reunião dos resultados a um nível corporativo, facilitando a definição de prioridades e a melhoria da tomada de decisão, a fim de se alcançar o equilíbrio ideal do risco, benefício e custo<sup>7</sup>.

Percebe-se que se trata do processo no qual as medidas de segurança são selecionadas e adotadas para se atingir um nível aceitável de risco, que foi previamente estabelecido, a um custo razoável. Por isso, com a finalidade de minimizar os riscos potenciais de eventos adversos, se faz necessário conhecer e controlar esses riscos, que são fontes de danos no ambiente hospitalar, comprometendo, assim, a segurança do paciente<sup>8</sup>, protegendo as organizações de saúde contra perdas<sup>9,10</sup>.

Para o desenvolvimento da gestão de risco, é fundamental a sensibilização e envolvimento de todos no processo. Apesar de a infraestrutura de instrumentos, papéis e modelos ser de grande valia, eles não bastam, sendo necessário que todo ambiente seja preparado. Isso pode ser alcançado através de treinamentos que estimulem o caráter educativo da gestão de riscos, ou seja, aprender com os erros, uma vez que o clima estará focado na melhoria e não na punição. Desta forma, percebemos como é importante que a instituição mantenha os profissionais qualificados, através de treinamentos que os sensibilizem para a gestão de risco e os estimulem a ter um pensamento crítico perante as situações de sua rotina de trabalho<sup>10</sup>.

Assegurar a gestão de risco é tido como um elemento fundamental do papel do enfermeiro, a fim de promover a saúde e a segurança dos membros da equipe e dos pacientes. Para isso, deve-se garantir que os enfermeiros recebam a educação necessária, o que permitirá a eles incorporar a gestão de risco no seu cotidiano de trabalho, incentivando outros a se envolverem com tal prática<sup>11</sup>.

Neste sentido, o enfermeiro e a equipe de enfermagem podem contribuir e atuar para minimização de riscos e eventos adversos, adotando-se sistemas gerenciados, práticas e procedimentos sistematizados,

protocolos multidisciplinares implantados, avaliações de desempenho mensuradas, parque de equipamentos controlados, contratos estabelecidos e serviços terceirizados avaliados e de fato inseridos na organização, mecanismos e ferramentas de avaliação e monitoramento implementados de forma eficaz<sup>10</sup>.

O enfermeiro pode também assumir o papel de multiplicador da Gestão de Riscos, na medida em que assume o papel de educador de sua equipe e da comunidade, estimulando-os a notificar os eventos adversos e também a reconhecê-los, com o intuito de proporcionar a segurança do paciente e do profissional<sup>12</sup>.

### **Cultura de Segurança do Paciente**

A cultura de segurança do paciente é essencial dentro de uma organização de saúde, pois é onde todos os trabalhadores, incluindo os profissionais envolvidos no cuidado e os gestores, assumem responsabilidade pela sua própria segurança, pela segurança de seus colegas, dos pacientes e de seus familiares<sup>4</sup>.

A enfermagem tem papel fundamental, pois atua na administração, manutenção e controle nutricional do paciente, e o profissional enfermeiro é responsável pela realização da sondagem, bem como sua manutenção. Diante disso, é essencial que a equipe de enfermagem realize os cuidados de enfermagem de forma organizada, a fim de assegurar maior segurança aos pacientes e, conseqüentemente, a diminuição deste evento<sup>13</sup>.

A cultura de segurança e a contínua promoção de um ambiente seguro são adquiridas através de capacitação, esforços coordenados e eficiente contribuição de cada indivíduo, todos envolvidos com um objetivo comum. E também, através da pronta notificação de erros, eventos adversos e quase erros, poderão ser identificadas e corrigidas as possíveis falhas existentes no processo que estão propiciando suas ocorrências<sup>14</sup>.

A expressão “segurança do paciente” faz referência aos fatores que influenciam as instituições a implementar a cultura de segurança, levando-se em consideração as melhores práticas<sup>15</sup>. A cultura de segurança se configura como uma cultura na qual todos os trabalhadores assumem responsabilidade pela sua própria segurança, pela segurança de seus colegas, pacientes e familiares; que prioriza a segurança acima de metas financeiras e operacionais; que encoraja e recompensa a identificação, a notificação e a resolução dos problemas relacionados à segurança; que promove o aprendizado organizacional a partir da ocorrência de incidentes e que proporciona recursos, estrutura e responsabilização para a manutenção efetiva da segurança<sup>15</sup>.

O processo de notificação deve ser entendido como uma oportunidade de melhoria, deve-se utilizar esta ferramenta em prol da segurança do paciente, pois a punição, a autopunição e a vergonha, não diminuirão

a incidência de evento adverso, mas possivelmente diminuirão a sua notificação. Alguns estudiosos da área têm se preocupado com essa questão.

## Considerações Finais

As práticas de gestão de riscos parecem ser a palavra-chave quando se fala em segurança do paciente no ambiente hospitalar e, assim, devem ser fortalecidas em todos os níveis da instituição, a fim de assegurar que todos os riscos inerentes aos cuidados em saúde sejam banidos, tornando a assistência de enfermagem mais segura, com ótima qualidade e correspondendo às expectativas do paciente, família e comunidade.

Para que a segurança do paciente se torne uma realidade, são necessárias ações de diferentes naturezas, que passam por inserção deste tema na formação profissional e mudanças na estrutura das organizações e na prática de saúde, incluindo a de enfermagem. Trata-se de um desafio a ser superado pelos gestores e enfermeiros, mas que pode trazer muitos benefícios a todos os envolvidos neste processo.

## Referências Bibliográficas

1. Carvalho SHDBC et al. Clima de segurança do paciente: percepção dos profissionais de enfermagem. *Acta Paul. Enferm*, São Paulo, 2012;25(5):728-735. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n5/13.pdf>
2. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Gestão de Riscos e Investigação de Eventos Adversos Relacionados à Assistência à Saúde. Série Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde, Caderno 7. ANVISA. Brasília: 2017. Disponível em: <https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/publicacoes/item/caderno-7-gestao-de-riscos-e-investigacao-de-eventos-adversos-relacionados-a-assistencia-a-saude>
3. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial do Ministério da Saúde e Ministério da Educação nº 2.400, de 2 de outubro de 2007. Estabelece os requisitos para certificação de unidades hospitalares como Hospitais de Ensino. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2007/pri2400\\_02\\_10\\_2007.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2007/pri2400_02_10_2007.html)
4. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução de Diretoria Colegiada – RDC Nº 2, De 25 de janeiro de 2010. Dispõe sobre o gerenciamento de tecnologias em saúde em estabelecimentos de saúde. ANVISA. MS. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/legislacao/item/rdc-2-de-25-de-janeiro-de-2010>
5. Brasil. Ministério da Saúde. Documento de referência para o Programa Nacional de Segurança do Paciente/Ministério da Saúde; Fundação Oswaldo Cruz; Agência Nacional de Vigilância Sanitária-ANVISA. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.40 p.
6. Wachter R. Compreendendo a Segurança do Paciente. 2ª Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 478p.
7. World Health Organization, Patient Safety a World Alliance for Safer Health Care. Conceptual Framework for the International Classification for Patient Safety, version 1.1: Final Technical Report [Internet]. Geneve: WHO; 2009. 154 p. Encontrado em: [http://www.who.int/patientsafety/taxonomy/icps\\_full\\_report.pdf](http://www.who.int/patientsafety/taxonomy/icps_full_report.pdf)
8. Roper CA. Risk Management for Security Professionals. Boston: Butterworth Heinemann, 1999. 89p.

9. López FJM, Ortega JMR. Manual de gestión de riesgos sanitarios. Madri-Espanha: Dias de Santos, 2001.
10. Feldman LB. Gestão de risco na enfermagem. In: FELDMAN, L. B. (org.). Gestão de risco e segurança hospitalar. 2ªed. Martinari: São Paulo, 2004. 391p.
11. Reynolds J et al. Undertaking risk management in community nursing practice. *Journal of Community Nursing*, v. 23, n. 11, 2009.
12. Severo E. et al. Educação em Saúde frente à segurança do paciente: a epistemologia do Gerenciamento de Risco. In: II Congresso Internacional de Educação de Ponta Grossa, Paraná, Brasil, 2010. Disponível em: [www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=156](http://www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=156). Acesso em: 09 out. 2017
13. Lima MEP, Cortez EA. A cultura da segurança do paciente na saúde mental: instituindo novas práticas com a educação permanente. *Revista Pró-Universus*. 2017 Jul./ Dez.; 08 (2): 115-116.
14. Branco FRC. Construindo um modelo de segurança do paciente. *Prática Hospitalar*. Ano XIII. n.74, p.8-9, Mar-Abr, 2010.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Portaria n.º 529, de 1 de abril de 2013. Institui o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP). ANVISA. Diário oficial da União: Brasília, 2013a, p.2. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0529\\_01\\_04\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0529_01_04_2013.html).